

T0480

REY CLi 257

Sist. 59301

0390152-49

1. Reinaldo Moura
2. Lembrança de Valery
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre Paul Valery
5. Porto Alegre
6. 24 de fevereiro de 1949
7. nº 123
8. seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 4 de abril de 1994

LEMBRANÇA DE VALERY

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Jacques Maritain observa em seu livro de desenvolvimento logo após a retirada dos nazis que um dos elementos da grandeza de França consiste na existência de espíritos que podem trocar a comodidade do bem estar econômico pela dedicação exclusiva às coisas da inteligência.

É logo a primeira figura que nos vem à imaginação com a leitura do texto de Maritain, e sem dúvida a dese preta universal e raro que foi Paul Valery. Porque ele realmente constituiu um exemplo culminante dessa espécie de homens a que se refere o escritor. Sua

vida foi dedicada à pesquisa literária, e como nenhum outro ele conseguiu penetrar os segredos da inteligência humana e o mecanismo de seu poder criador.

Matemático e pensador, sua poesia rebelde à moda e às correntes efêmeras de cada época, feriu que conter esse elemento de caputosa novidade na sua cintilante permanência. Qual quer coisa ainda nas ditas, ainda não explorada pelo lirismo de todos os tempos, mas realizada na mesma substância com que essa ilusão eternidade do espírito humano nos oferece suas obras de ouro.

Pertencendo a essa elite de homens de pensamento a que se refere Haritain, Paul Valéry realmente trouxe as possibilidades da vitória econômica e naturalmente as cadeias, as restrições impalpáveis, as condições sempre nobres que essa vitória acarreta, pela ampla e quase limitada existência do espírito trabalhando o

material de seu mundo. Uma das últimas frases de Bergson foi esta: o que Valéry realizou vale a pena de ser tentado.

Cada homem possui, na intimidade de sua solidão um pequeno deus particular. Valéry adorava o espírito. Por isso suas tentativas nos oferecem a sensação de estarmos percebendo qualquer coisa para lá dos limites comuns da maioria dos textos. Ele não se deixava iludir pela aparência das coisas não se embalsava na facilidade das primeiras percepções, ia até o possível limite sensível das essências e nessa viagem do espírito não se detinha no fluido azul das distâncias senão para enriquecer com as sugestões do caminho a perfeição literária que buscava sempre na criação de suas formas. Seu estudo sobre La Vinci sufoca nessas páginas que juntas não formam mais que o espaço de um peque-

no ensaio, exigem pausas à revelia do leitor, perturbam pelo inabitual na profundidade da sondagem que realizam, provocam uma subitidão à tona do nosso espírito, do sentimento de nossa insuficiência, e nesse terreno perigoso, desanimaram...

Possível, quase certa a existência de suas últimas páginas ainda inéditas, escritas durante essa fase do loucura que precedeu sua morte. Aquela inverno rigoroso de Paris, ocupada e, como nos conta Vitória ©, campo na sua correspondência sobre o poeta. Valery passando privações como todo o mundo sobre na cidade algemada. Sem carvão e a neve caindo. Sem o café o cigarro que costumava consumir nas madrugadas de trabalho mental. Suplicando mesmo, através do embaixador Carcano aos seus amigos argentinos, um par de sandálias para poder comparecer ao Colégio de França e dar suas aulas! Era o

princípio do fim e através desse desequilíbrio a morte se aproximava. Quando veio a gripe, quando a pneumonia se declarou, o campo estava aberto e propício.

talvez, como Kayserling no amanhecer dramático da primeira guerra, Valery tenha pensado e escrito sobre o mundo, o seu mundo que desaparecia, o único que poderia ouvi-lo e compreendê-lo com a maior parte de sua sensibilidade e de sua inteligência. Mas seu lamento sem dúvida não seria como o do conde estoniano, pois mesmo de desastre, esse colapso da civilização, esse retorno ao barbarismo Valery havia previsto. Submergido na onda final sem nenhuma surpresa, estava nervosamente na realidade que seu poderoso espírito antecipara com a mesma firme e definitiva certeza com que trabalhava seus poemas e neles criava conscientemente a beleza, extraindo-a do esquecimento de

Suas meditações de pura inteligência.